

OCIDENTE PÓS-11 DE SETEMBRO: PERVERSÃO DE IDEAIS RELIGIOSOS E A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DO TERRORISMO

*Lilian Ribeiro Sanches**

RESUMO

Com base nos postulados de Bauman, Morin, Moscovici e Rapoport, o presente artigo se propõe a investigar a relação travada entre o projeto autoritário da Al Qaeda, que teve seu ápice com a concretização dos ataques de 11 de Setembro, e a influência da mídia na construção da representação social do terrorismo no Ocidente. De forma até então inédita, a instrumentalização política dos acontecimentos contribuiu para a disseminação de um pânico moral a partir do que se convencionou chamar de “ameaça terrorista”, ampliando a percepção de poder do grupo entre a opinião pública, desencadeando a “guerra ao terror” e cristalizando estereótipos. Com o intuito de fomentar o debate sobre o tema, o trabalho pretende apresentar uma análise quantitativa da cobertura jornalística das edições digitais da Folha de S.Paulo e The New York Times nos marcos de um, dez e quinze anos após o 11 de Setembro.

Palavras-chave: terrorismo. representação social. mídia.

TERRORISMO MODERNO E O 11 DE SETEMBRO

Reivindicados pela Al-Qaeda, os ataques conduzidos em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, colocaram o terrorismo em pauta em três importantes esferas sociais: midiática, política e econômica. Não apenas os eventos do dia, mas também seus desdobramentos, consistem em um marco na história contemporânea, cujas consequências reverberam até o tempo presente. Para o sociólogo francês Edgar Morin (2011), os atentados constituíram um “eletrochoque decisivo para o devir da sociedade-mundo e, com a desintegração das duas torres de Manhattan, propagou no globo o sentimento de uma ameaça planetária”. Quase duas décadas depois, este estudo busca

* <https://orcid.org/0000-0002-5646-394X>. Universidade de São Paulo. Jornalista, mestre em Comunicação Social e doutoranda do Programa de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo. liliansanchesr@gmail.com.

evidenciar como a narrativa midiática influenciou no processo de consolidação da nova representação social do terrorismo na cosmovisão ocidental por meio da homogeneidade informativa nos processos comunicacionais e de memória, que sistematizaram a

O terrorismo como fenômeno social tem presença significativa ao longo de toda a história, desde o berço das civilizações humanas. Contudo, o conceito de terror como é apreendido atualmente foi introduzido ao vocabulário e ao imaginário social em 1795, quando a violência terrorista era considerada uma ferramenta indispensável para manter a ordem democrática e tornou-se uma característica distintiva da Revolução Francesa. Até os dias de hoje, a definição do termo tem sido fonte de controvérsia nos campos acadêmico, jurídico e político. Autores como o suíço Alex Schmid apontam a complexidade do tema e a ausência de uma definição neutra, devido aos vínculos ideológicos do termo “terrorismo”, que pode ser considerado o mais politizado da atualidade. “Em sua dimensão pejorativa, o destino do termo ‘terrorista’ é comparável ao uso e abuso de outros termos no vocabulário político, como racista, fascista ou imperialista” (SCHMID, 2011. p. 40). Ao partir de uma perspectiva mais complexa, o sociólogo francês Edgar Morin (2011) alerta para a instrumentalização política do termo, resgatando o emprego pelos nazistas para se referir à resistência europeia, bem como, mais recentemente, pelo presidente russo Vladimir Putin em referência aos membros da resistência chechena que, apesar de contar com um ramo terrorista, não pode ser reduzida a ele.

Referência na academia, o estadunidense David Rapoport sistematizou o terrorismo moderno recorrendo ao conceito de ondas: contextos e períodos históricos que englobam eventos e grupos terroristas com objetivos e características comuns que podem ou não se sobrepor. A teoria, conhecida como *The Four Waves of Modern Terrorism*, foi publicada pela primeira vez em dezembro de 2001, na revista científica *Current History* (p. 419-425). De acordo com o autor, desde a década de 1880, quatro ondas de terror sucessivas e sobrepostas acometeram o mundo, cada uma delas com suas características, objetivos e táticas específicas. As três primeiras – Anárquico, Anticolonial e New Left – duraram aproximadamente uma geração, estimada em, aproximadamente, 40 anos; a quarta teve início em 1979 e, embora sem consenso acadêmico, Rapoport defende sua vigência até os dias atuais. No contexto do sudoeste asiático, a vitória da Revolução Islâmica no Irã e a derrota soviética no Afeganistão, ambos em 1979, provocaram uma reviravolta

política e sociocultural profunda, que produziu as condições necessárias para a formação da quarta onda de terrorismo. Os dois eventos contaram com significativa participação de combatentes voluntários da região, de maioria muçulmana, evidenciando que, pela primeira vez em séculos, a religião havia passado a promover “mais esperança do que as correntes revolucionárias de cunho político” (RAPOPORT, 2001; p. 23).

O autor afirma que o islã está no “coração da quarta onda” devido aos grupos que vêm conduzindo os mais significativos ataques terroristas internacionais desse período, além de os eventos sociopolíticos que deflagraram a onda terem a religião como matriz ideológica (RAPOPORT, 2013). Apesar da ênfase conferida ao islã devido aos desdobramentos da virada do milênio, Rapoport nunca se referiu ao movimento como uma quarta onda de terrorismo islâmico, termo que diversos autores e pesquisadores sobre o tema insistem em utilizar, contribuindo para o fenômeno de representação social e midiática no que concerne à associação indiscriminada entre terroristas e muçulmanos.

Contudo, se a quarta onda de terrorismo moderno teve início na década de 1980, o mundo ocidental só teve a percepção da real dimensão do movimento na virada do milênio. Reivindicados pela Al-Qaeda, os ataques conduzidos em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, foram os primeiros sofridos em território nacional. Na ocasião, 19 terroristas sequestraram quatro aviões comerciais de passageiros. Dois deles foram guiados para atingir as duas torres símbolo da cidade de Nova York, que compunham o complexo comercial World Trade Center e desmoronaram duas horas após os impactos. O terceiro avião colidiu com o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, situado nos arredores da capital Washington, D.C. A quarta aeronave caiu em um campo na Pensilvânia, após passageiros e tripulantes terem supostamente tentado retomar o controle. A série de atos coordenados matou 2.753 pessoas, número oficial divulgado pelo governo estadunidense.

Para o sociólogo Edgar Morin (2011), a Al-Qaeda inaugurou uma nova etapa do terrorismo, como consequência da tecnoeconomia, que “permitiu a mundialização terrorista, transformando-se nessa mundialização e, por meio dela, em ameaça mundial” (MORIN, 2011). Em decorrência do acontecimento, em um primeiro momento, foi descoberta uma rede clandestina político-religiosa ramificada em todos os países com uma capacidade e objetivos destrutivos nunca antes imaginados, o que, na visão do sociólogo, provocou a necessidade da criação de uma polícia e de um corpo militar específicos. Na visão do linguista e ativista político Noam Chomsky, o 11 de Setembro pode

ser considerado um evento histórico não por suas dimensões, pois houve ataques terroristas com efeitos muito mais duradouros e extremos, mas o 11 de Setembro foi um evento histórico, pois ocorreu uma mudança: a direção em que as armas estão apontadas mudou. E isso é algo novo, radicalmente novo” (CHOMSKY, 2002).

A dinâmica oriunda do 11 de setembro alterou a percepção do terrorismo, principalmente no que concerne à ameaça gerada por grupos terroristas, antes percebida como distante por acometer apenas países “distantes e subdesenvolvidos” (MORIN, 2011). Consequentemente, a resposta a essa nova ameaça, batizada de “guerra ao terror”, direcionou seus esforços contra os grupos fundamentalistas, baseados em uma agenda historicamente preconceituosa referente à construção orientalista de que o islã seria “um mal a ser combatido por apresentar um perigo sem precedentes para o Ocidente” (GOLDBERG, 2009). Nenhuma outra das três ondas anteriores registrou ações globais coordenadas de contraterrorismo como a desencadeada pelos ataques de 11 de Setembro.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TERRORISMO NA COSMOVISÃO OCIDENTAL

Repleto de nuances, o terrorismo desperta o interesse coletivo e permeia a esfera pública desde seus primórdios. A cada nova onda (RAPOPORT, 2001), as ideias associadas ao fenômeno bem como a figura do terrorista se transformam no imaginário social. Até os eventos do 11 de Setembro, a representação do terrorista, em diversos momentos históricos, continha um denominador comum: o estereótipo do ativista político radical. Com o primeiro ataque da quarta onda de terrorismo moderno no ocidente, a espiral de complexidade do tema ascendeu, introduzindo a religião como componente inédito. O senso comum existente deixou de ser compatível com os atos perpetrados e, principalmente, suas motivações. A imagem do terrorista que emergiu após a queda das torres gêmeas era uma incógnita para a sociedade ocidental.

Influenciado pelos interesses de poderes dominantes e imerso em um profundo estado de pânico moral – conforme discutido anteriormente –, iniciou-se então um novo processo de ressignificação dos acontecimentos e reconstrução de intersubjetividades, com foco na figura dos árabes e muçulmanos, historicamente alvos de preconceito e deturpações. Para o psicólogo social Serge Moscovici, a tentativa de familiarização do desconhecido, de categorização do outro, produz o fenômeno das representações sociais. Desenvolvida com base na releitura crítica do conceito funcionalista de representação coletiva de Émile Durkheim, a teoria moscoviciano das

representações sociais nega a suposta dicotomia existente entre o individual e o social, introduzindo o senso comum como um modo de pensamento sustentado pelo cotidiano, mantido histórica e culturalmente.

A TRS, como é conhecida, foi apresentada no estudo pioneiro *Psychnalyse: son image et son publique*, publicado em 1961 e traduzido para o português em 1978. Na obra, o autor romeno buscou compreender como a psicanálise, então uma nova e complexa teoria científica, passou por um processo de ressignificação ao ser divulgada pelos meios de comunicação da época, já apontando a relevância da esfera midiática para a formação e disseminação das representações sociais. Os resultados da pesquisa apontaram que, ao ser difundida e sair dos domínios acadêmicos, a psicanálise e seus conceitos se transformaram em objetos do pensamento social, componentes da realidade cotidiana, e, por fim, em uma representação social autônoma e dinâmica, sem compromissos com dogmas ou evidências científicas.

Nesse sentido, as representações sociais surgem do esforço individual e social de compreender, dar sentido a um objeto e, dessa forma, também conferir aos sujeitos – individuais ou coletivos – uma identidade, uma posição frente ao outro por meio de seu alto valor simbólico. Nas palavras do próprio Moscovici, “se a realidade das representações é fácil de ser compreendida, o conceito não o é”. A complexidade conceitual da teoria se deve ao fato da TRS ter sido concebida a partir de um modelo híbrido, reunindo elementos de diversas áreas do conhecimento, notadamente, um cruzamento robusto entre uma série de conceitos sociológicos e psicológicos. A dinâmica que compõe esse sistema de valores de dupla funcionalidade se baseia na ativação de dois mecanismos complementares de pensamento, chamados de ancoragem e objetivação. O esforço principal do primeiro consiste em reduzir ideias, palavras e seres desconhecidos a categorias ou imagens mentais comuns, transportando-os para um contexto familiar, considerando sempre o quadro referencial dos sujeitos e comunidades. A ancoragem “é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2003; 60).

No caso do terrorismo de quarta onda, é possível afirmar que a imagem e motivações de seus perpetradores foram, em um primeiro momento, julgadas e categorizadas pela cosmovisão historicamente construída no ocidente frente aos árabes e muçulmanos, sem, muitas vezes, conferir uma distinção clara entre eles. Dessa forma, toda a carga e características das já existentes representações sociais dos dois grupos supracitados foram transferidas aos terroristas e, estes, reajustados para se enquadrarem a elas. “Se a classificação, assim obtida, é geralmente aceita, então qualquer opinião que

se relacione com a categoria irá se relacionar também com o objeto ou com a ideia” (MOSCOVICI, 2003; 60). Em um segundo momento, no entanto, com o estabelecimento da representação social do terrorista da quarta onda, as representações sociais de árabes e muçulmanos também começaram a ser modificadas, em um processo de simbiose, influenciado pelo novo cenário sociopolítico e cultural. Nesse sentido, Moscovici indica que toda representação social é um processo construído socialmente e organizado cognitivamente em termos de significações. Por esse motivo, há a possibilidade de identificar uma origem de determinada representação, porém esta será sempre inacabada, a tal ponto que novos fatores irão “nutri-la ou corrompê-la”. A complexidade, estranheza e ameaça percebida com relação ao terrorismo no mundo ocidental pós 11 de Setembro levou à alteração e retroalimentação cíclica das representações sociais de árabes, muçulmanos e terroristas. Essa circunstância contribuiu para a consolidação do pensamento comum no ocidente de que “todo árabe é muçulmano e, por sua vez, todo muçulmano é um terrorista em potencial”, conforme corrobora Morin (2011; p. 117).

Além da ancoragem, as representações sociais são formatadas por um segundo mecanismo, ainda mais atuante, chamado de objetivação. Sua função fundamental é transformar ideias ou conceitos abstratos em algo concreto, transferindo o que está no campo mental para o mundo físico, tangível. A partir da consolidação de um núcleo figurativo, em ação concomitante com os mecanismos de ancoragem e objetivação, passam a surgir na cultura as fórmulas e clichês que sintetizam o objeto e suas imagens. Nesse momento, o que era um sujeito não familiar ou uma ideia abstrata se torna comum e acessível, sendo utilizada em “várias situações sociais, como um meio de compreender outros e a si mesmo” (MOSCOVICI, 2003; p. 73). No caso do terrorismo de quarta onda, a formação de sua representação social se ancorou fortemente na associação ao islã e ao mundo árabe, estando seu núcleo figurativo repleto de imagens e conceitos complexos referentes a uma religião e cultura desconhecidas para grande parte da sociedade ocidental. Com o reforço da mídia, alusivos ao islã, como a noção de jihad ou o termo xiita, foram relacionados ao terror, descolados de seu universo original por meio de um uso contínuo e descontextualizado, tornando-se independentes e polissêmicos. Se valendo da metáfora da criação de um provérbio, Moscovici alerta para o fato de que quando “a imagem ligada à palavra ou à ideia se torna separada e é deixada solta em uma sociedade, ela é aceita como uma realidade” (2003; p73).

No Brasil, onde a Revolução Islâmica do aiatolá Ruhollah Khomeini é uma distante realidade, os desdobramentos do 11 de Setembro popularizaram a palavra xiita, por exemplo, que passou a ser utilizada como sinônimo de

radicalismo e aplicada em diversos contextos distantes de sua matriz religiosa. Curiosamente, vale ressaltar, a maioria dos grupos terroristas que habitam o imaginário ocidental, como o Taleban, Al Qaeda e, mais recentemente, o Daesh¹, não possuem raízes xiitas, mas sunitas². O equívoco conceitual não impediu que o termo fosse transferido para o núcleo figurativo da representação social do terrorismo e se tornasse de uso comum na esfera pública e midiática, conforme ilustra a imagem abaixo.

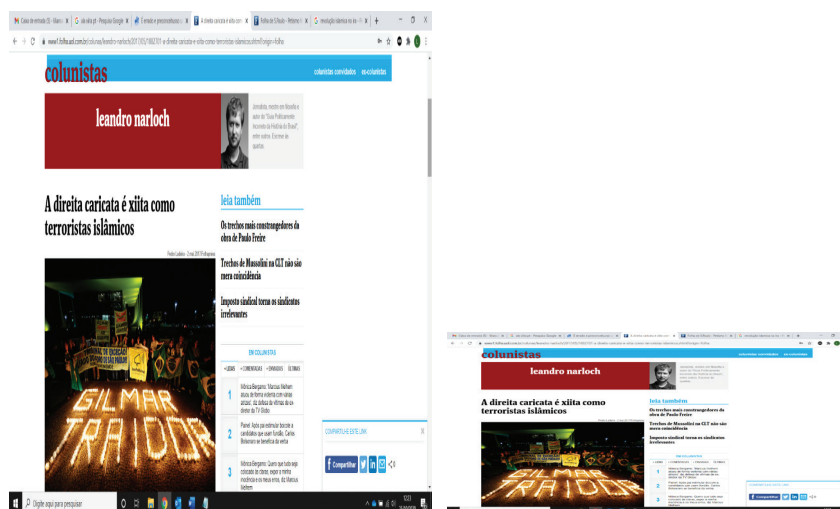


Figura 1 – Matéria “A direita caricata é xiita como terroristas islâmicos”

Fonte: Folha de S. Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2017/05/1882701-a-direita-caricata-e-xiita-como-terroristas-islamicos.shtml?origin=folha>. Acesso em 25 nov. 2020.

- ¹ A autora opta por se referir ao grupo terrorista autointitulado Estado Islâmico pela sigla Daesh. Desde junho de 2014, data de declaração do califado, o nome foi reduzido pela própria organização de Estado Islâmico do Iraque e do Levante para apenas Estado Islâmico (com as siglas “IS” em inglês e “EI” em português). A partir de então, foi instaurado no mundo árabe um movimento contra a nomenclatura e solicitações formais de representantes muçulmanos de diversos países para o uso do termo Daesh em substituição. Daesh é a sigla para al-Daula al-Islamiya al-Iraq wa Sham (Estado Islâmico do Iraque) e também um trocadilho em árabe com a palavra “Daesh”, que significa “aquele que semeia a discórdia”. Por entender que o termo pode contribuir para a desconstrução da representação nociva do universo árabe e da islamofobia, temas sensíveis para a pesquisa da autora, a escolha da sigla Daesh para referências ao grupo terrorista fica aqui registrada.
- ² Base sunita, porém diversas vertentes políticas e religiosas.

Na visão moscoviciana, os processos comunicacionais não apenas tendem a refletir as forças sociais dominantes, mas configuram um fenômeno básico e universal de influência mútua, pois englobam e fazem parte da concepção, reprodução e disseminação de representações sociais. A conjuntura tecnocêntrica e seus impactos na qualidade informativa se relacionam de modo complexo com o papel social do jornalismo, especialmente no que concerne ao debate de ideias divergentes e aos efeitos da propagação de informações sobre a construção da memória, opinião pública e representação de acontecimentos altamente simbólicos como os ataques terroristas. Segundo Moscovici, toda linguagem – incluindo a científica ou especializada, como a jornalística – conta com dimensões emotivas e cognitivas, que atuam de modo concomitante. Apesar da roupagem de imparcialidade que a cobertura midiática almeja atingir por meio da dita objetividade, as palavras não podem ser esvaziadas de sua carga emocional e simbólica. O autor defende que a qualidade e as características informativas sobre os objetos sociais, além do interesse individual e pressão social para adesão à narrativa dominante, influem no processo de formação das representações sociais. Esse olhar coloca ênfase na responsabilidade e importância do papel social do jornalismo na cobertura do terrorismo, notadamente, por ser a principal, senão única, fonte de informações disponíveis sobre esse tipo de evento. Ademais, como elemento problematizador adicional, a mídia também se constitui como polo primordial de aproximação entre o ocidente e o mundo árabe e o islã.

No estudo preliminar apresentado na sequência, busca-se identificar o uso de termos alusivos ao islã nos momentos e anos subsequentes ao 11 de Setembro a fim de traçar um breve panorama acerca do desenvolvimento da polissemia e as alterações no núcleo figurativo e, portanto, na representação social do terrorismo no ocidente.

11 DE SETEMBRO: REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA E O PROJETO AUTORITÁRIO DA AL QAEDA

Se as representações se configuram como ferramentas para a compreensão do mundo, é por meio dos processos comunicacionais que o sistema de valores simbólicos criado é convertido em uma realidade social. Como discutido anteriormente, todo esse processo não é neutro e, tampouco, é a dinâmica de produção noticiosa. O fenômeno de simbose entre as representações do terrorista, árabe e muçulmano está intrinsecamente ligado à instrumentalização da mídia, seja pela Al Qaeda, que levou a quarta onda

de terrorismo ao conhecimento do ocidente, ou pelo projeto de democracia autoritária da administração de George W. Bush, com o que passou a ser conhecido como “guerra ao terror”.

Após completar o percurso teórico que embasa os pontos centrais de interesse, o presente artigo se propõe a apresentar os resultados quantitativos preliminares de um estudo abrangente em andamento, associado ao desenvolvimento da tese de doutorado da autora. Por meio dos recursos de data scraping e data mining, o enfoque foi dado ao emprego de alusivos ao islã – jihad, islamita/islâmico (em inglês, islamista) e muçulmano – em associação às matérias publicadas acerca do 11 de Setembro nas versões digitais dos jornais The New York Times e Folha de S.Paulo. O período de análise contempla os marcos de um, cinco, dez e quinze anos da icônica data dos ataques em solo estadunidense. Os dados levantados, por meio de códigos de scraping e mining, foram escritos na linguagem de programação R e checados manualmente, visando reduzir erros comuns à automatização do processo.

Ao todo, a pesquisa levantou 562 matérias nos dois veículos analisados, sendo 250 na Folha de S.Paulo e 312 no The New York Times, conforme ilustra e detalha o gráfico abaixo.

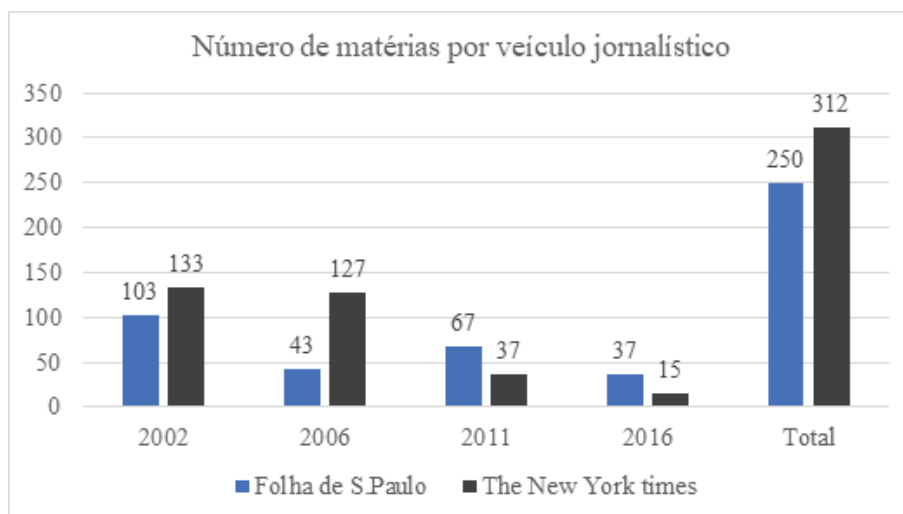


Gráfico 1 – Número de matérias por veículo jornalístico

Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se um padrão decrescente no número de matérias publicadas pelo The New York Times, com o primeiro ano após o 11 de Setembro reunindo o maior volume de conteúdo acerca do tema, enquanto a Folha de S. Paulo apresenta uma anomalia no mesmo padrão decrescente em 2011, retomado no marco seguinte.

Considerando o corpus de 312 matérias, o The New York Times empregou alusivos ao islã em 215 delas, o que representa 69% do total. Já ao analisar a Folha de S. Paulo, o percentual cai para 30%, com 76 matérias utilizando termos referentes à religião frente ao total (n=250). Com relação ao corpus global (n=562), ligeiramente mais que a metade (51%) de todas as matérias publicadas pelos veículos analisados nos marcos dos ataques faz alguma menção ao islã, conforme os critérios definidos no início do presente artigo.

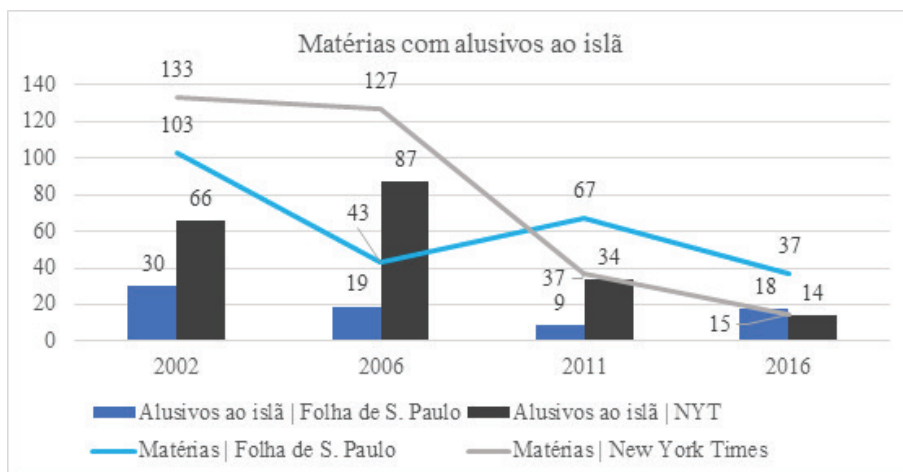


Gráfico 2 – Uso de alusivos ao islã versus número de matérias

Fonte: Elaborado pela autora.

A reversão de tendência ilustrada pelas linhas azul e cinza do gráfico acima demonstra que, apesar de, absolutamente, serem menos expressivos em número de matérias que os dois marcos anteriores, os anos de 2011 e 2016 reuniram, percentualmente, mais matérias com alusivos ao islã em ambos os jornais. Destaque para o The New York Times, que registra níveis percentuais acima dos 90% tanto em 2011 (93%) quanto em 2016 (92%), indicando que quase a totalidade de matérias publicadas acerca do 11 de Setembro associaram os atos terroristas ao islã. Com base em trabalhos an-

teriores, também referentes à cobertura de ataques terroristas, a autora tem identificado a tendência de o jornal estadunidense ser o veículo que mais emprega alusivos ao islã, em comparação a meios de comunicação de outras localidades. Uma possível abordagem de pesquisa seria investigar o perfil de outros jornais produzidos e veiculados nos Estados Unidos nesse sentido.

No que concerne ao corpus desse estudo, é possível observar um aumento progressivo de referências à religião ao longo dos marcos do maior ataque terrorista da modernidade. Conforme discutido anteriormente, a alteração da representação social do terrorismo ocorreu de forma gradativa, porém consistente. Em 2002, foi registrado o menor número de alusivos, com exceção de uma anomalia já mencionada na cobertura de 2011 realizada pela Folha de S.Paulo. Nos dois jornais, o marco com a mais alta porcentagem de referências ao islã foi 2016, revelando a cristalização das novas nuances da representação social e estereótipos referentes à temática. Para interpretar o achado de modo mais abrangente, é necessário considerar ainda a proximidade temporal com os ataques de Paris, em 2015, que vitimou mais de 550 pessoas, configurando-se no mais violento ataque terrorista da história da França desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Ademais, o fenômeno se ancora na atmosfera sociogeopolítica deflagrada pelo ápice da conquista territorial do Daesh, também em 2015, contribuindo para o agravamento da crise humanitária decorrente dos fluxos migratórios em massa, que bateram e estabeleceram novos recordes históricos naquele mesmo ano. (Veja a seguir tabela 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os eventos de 11 de setembro de 2001 colocaram o terrorismo em pauta na mídia ocidental, bem como no meio acadêmico. A queda das torres gêmeas representa um marco na atenção voltada ao tema e no número de matérias publicadas. A data desencadeou discussões em todo o mundo sobre a problemática da violência terrorista, que, apesar de negligenciada pela mídia, já vinha acometendo regiões do mundo com muito mais intensidade desde antes da virada do milênio.

Com base nos dados analisados, é possível vislumbrar o papel desempenhado pela mídia no que diz respeito à difusão das representações sociais – que servem à estrutura de poder vigente – bem como à cristalização de estereótipos dos atores envolvidos na temática.

Tabela 1 - Detalhamento

	Folha de S.Paulo		NYT		Total corpus	
Total de matérias	250		312		562	
Matérias com alusivos ao islã	76		215		291	
Média de alusivos ao islã <i>versus</i> total	0,304		0,68		1,93	
Porcentagem	30%		69%		51%	
Marcos <i>versus</i> matérias com alusivos						
2002	30	29%	66	50%	96	41%
2006	19	44%	87	68%	106	62%
2011	9	14%	34	92%	43	41%
2016	18	49%	14	93%	32	63%
Termos						
Jihad	11		28		39	
Islã	16		76		92	
Islamita/islâmico	29		39		68	
Muçulmano	20		72		92	

Fonte: Elaborado pela autora.

Ademais, a sistematização da propagação de discursos hegemônicos se relaciona de modo complexo com o papel social do jornalismo, especialmente no que concerne ao debate de ideias divergentes e os efeitos da disseminação informativa sobre a construção da realidade. Kitinger (2000) observa como os enquadramentos associados a eventos traumáticos evoluem até se tornarem moldes midiáticos impregnados de referências a história passada, que fatalmente produz abordagens e narrativas rígidas e acentuadas utilizadas para enquadrar acontecimentos posteriores. A utilização repetitiva desse

recurso retórico, na visão da autora, reforça perspectivas e constrói narrativas instrumentais, principalmente, sobre problemas sociais, influenciando a opinião pública tanto no que concerne o passado quanto o presente e também o futuro.

Os achados apresentados nesse artigo são corroborados por Butler, que, em 2015, conduziu um estudo comparativo entre o número de matérias publicadas mencionando a palavra «terrorismo» nas edições impressas do *The New York Times* no período referente a dez anos antes e depois do 11 de setembro de 2001. Antes dos atentados, foram publicadas apenas 33 matérias sobre o tema ao longo da década, enquanto os dez anos após os ataques reúnem 455 publicações que abordam o termo. Além dos resultados quantitativos, a pesquisa também analisou o conteúdo das matérias, que passaram a focar nos grupos fundamentalistas.

A partir dos resultados e análises decorrentes, o presente artigo abre caminho para pesquisas posteriores, nomeadamente, no que diz respeito ao nível de absorção do discurso associativo entre terrorismo, muçulmanos e a jihad na sociedade. A considerar os padrões de abordagem e narrativas empregadas, a cobertura realizada pelos veículos tradicionais acerca desse tipo de violência política tem influído ativamente para o reforço de estereótipos e para a construção de uma percepção da realidade desproporcionalmente distante dos fatos, ancoradas no processo de internalização de representações sociais estereotipadas e distorcidas. Ademais, os dados contemplados pelo recorte apresentado serão atualizados no final de 2021, na ocasião do marco de 20 anos do 11 de Setembro.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. In: *Comum*. v. 6, n. 17. p.111-125. Rio de Janeiro, jul./dez. 2001.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: editora 34, 2011.
- BOLTANSKI, L. **Distant suffering: morality, media and politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- BUTLER, T. **The Media Construction of Terrorism Pre and Post-9/11**. 2015.
- CHOMSKY, N. **A nova guerra contra o terror**. In: FÓRUM DE TECNOLOGIA E CULTURA DO MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY, 2001, Cambridge. p. 1 - 29.

COHEN, S. **Folk devils and moral panics**. 3ª ed. Nova York e Londres: Routledge, 1980.

DUVEEN, G. Prefácio. In: S. Moscovici (Ed.), **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

KITZINGER, J. **Media templates: patterns of association and the (re)construction of meaning over time**. Media, Culture & Society, v.22, n.1, pp.61-84. 2000.

MOELLER, S. **Compassion fatigue**. London: Routledge, 1999.

MORIN, E. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Título original: Vers l'abîme?

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RAPOPORT, D. C. **The Four Waves of Modern Terror: International Dimensions and Consequences**. In: An International History of Terrorism: Western and Non-Western Experiences, edited by Jussi M. Hanhimäki and Bernhard Blumenau, 282-310. New York: Routledge, 2013.

SCHMID, A. **Statistics on Terrorism: The Challenge of Measuring Trends in Global Terrorism**. In: Forum on Crime and Society. Vol. 4. 2004.

SEDGWICK, M. **The Concept of Radicalization as a Source of Confusion**. Terrorism and Political Violence, no. 4, 2010.